https://doi.org/10.14195/1645-2259_24-1_11

FRIEDRICH, Markus (2022). *The Jesuits: a history*. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 854 pp., ISBN: 9780691180120.

Sintetizar a história de uma qualquer organização com séculos de existência não é tarefa insignificante. E facilmente a complexidade de semelhante projeto exponencia-se quando se compreende que o desenvolver é, simultaneamente, percorrer as principais conjunturas que marcaram o mundo moderno e contemporâneo.

Markus Friedrich reconheceu a arduidade da sua empreitada historiográfica, porém tal não impediu que a concretizasse. Pelo contrário, ela deverá ter servido de estímulo para a competente leitura que o historiador alemão e atualmente professor de História na Universidade de Hamburgo elaborou acerca de uma instituição eclesiástica – a Companhia de Jesus – que nasceu da vocação religiosa de um nobre basco ferido em combate para, rapidamente, abarcar o globo, difundindo o seu modelo de espiritualidade cristã. De tal modo que, ainda hoje, acalenta o peito daquele que assume as rédeas da Igreja Católica enquanto sucessor de São Pedro.

Embora a obra objeto desta recensão tenha sido publicada em 2022, em inglês, pela Princeton University Press, ela corresponde, na verdade, à tradução do texto original, escrito em alemão, intitulado *Die Jesuiten. Aufstieg, Niedergang, Neubeginn*, de 2016. Não é a primeira vez que uma editora universitária norte-americana traduz um trabalho de Friedrich. Em 2018, a Michigan University Press editou *The Birth of the Archive: A History of Knowledge*, dada ao prelo cinco anos antes. Curiosamente, o tradutor deste estudo sobre a evolução e a utilização dos arquivos, John Noël Dillon, volta a assumir essa função e a fazer dupla com Friedrich em *The Jesuits: a history*.

Dividida em cinco capítulos, intervalados por um prólogo e um epílogo, aos quais se acrescentam mais de cento e quarenta páginas de notas e referências bibliográficas, esta história da Companhia de Jesus segue a tripartição temática que se extrai do título original do volume: ascensão, declínio e recomeço. Ainda que não de maneira proporcional, ela servirá de referência para guiar o leitor pelos meandros da vida interna da congregação e suas movimentações nos variados contextos sociais, políticos e religiosos envolventes, que Friedrich se compromete a deslindar.

O enredo principia em Pamplona, no ano de 1521. O nobre Iñigo López de Oñaz y Loyola, em recobro após ter sofrido ferimentos durante a defesa da cidade contra uma investida militar gaulesa, conheceu uma transformação espiritual que o conduziria a algumas das mais relevantes universidades euro-

peias de então e à criação de um grupo de condiscípulos que, por bula papal de 1540, se constituiria na Companhia de Jesus.

A consolidação desta recém-criada organização não ocorreria sem os seus desafios. Friedrich demonstra-o, abordando os esforços de regulamentação interna e a sua dispersão geográfica (principiada nesse "terreno bastante fértil para os jesuítas" que foi o reino português até ao século XVIII – pp. 24-25), bem como as perspetivas académicas e hierárquicas que aguardavam os novos ingressantes. Dinâmicas estas que deveriam ser reflexo de uma identidade espiritual jesuítica, de contornos salientes no tocante ao cuidado das almas, ao zelo apostólico ou à incessante procura por uma máxima utilidade na atuação dos seus membros. "Ad maiorem Dei gloriam" era, aliás, a sua divisa.

Aqui, o leitor beneficia da sobriedade explanativa do historiador alemão, que não permite o resvalamento da sua análise para uma excessiva singularização dos procedimentos inacianos, mas, antes, enquadra os particularismos destes últimos em contextos e tendências religiosas mais latas. Além disso, a exploração das resistências no seio da estrutura interna da Companhia, em matérias de obediência, castidade e tratamento equitativo entre os seus elementos, por exemplo, favorece uma compreensão mais adequada das naturais relações de poder que uma almejada unidade institucional ocultaria.

A narrativa prossegue para o seu segundo capítulo com a indagação dos multiformes relacionamentos entre os representantes da Companhia de Jesus e os do clero secular, do papado, do restante clero regular e de instituições eclesiásticas como o Tribunal do Santo Ofício e a Sagrada Congregação para a Propagação da Fé (*Propaganda Fide*). Através dela, o autor revela, assertivamente, como a cooperação e o antagonismo não corresponderam a modelos de atuação isolados, tendo, ao invés, por inúmeras vezes coexistido.

Alcança-se, em seguida, a comunidade laica. Particularmente atento aos modelos devocionais, Friedrich examina os contactos entre as manifestações de espiritualidade popular e jesuítica, desde a crença em possessões demoníacas até ao desenvolvimento de cultos particulares, como aos anjos da guarda ou à Imaculada Conceição. Ele incide, também, sobre os fundamentos teológicos da piedade inaciana e demonstra a sua materialização ao perscrutar a ação interventiva da Companhia, pautada, entre outras, por preocupações assistenciais. Detendo-se neste ponto, o historiador consegue ilustrar a panóplia de iniciativas de cariz social levadas a cabo pelos jesuítas entre os mais marginalizados, como as prostitutas, os pobres, os soldados e os presos.

De facto, o amparo dos cristãos nunca foi esquecido, inclusivamente em comunidades protestantes. Na sua dimensão espiritual, ele foi além do protagonismo dos religiosos nos instantes da doutrinação ou da celebração dos

sacramentos para se enraizar em manifestações auto-organizadas, como as confrarias de leigos, não obstante revestidas da espiritualidade inaciana. As confrarias marianas, por terem sido, em concomitância, estimuladas pela Companhia de Jesus e adaptadas ao seu modelo de devoção, são exemplificativas de um traço definidor desta ordem religiosa, isto é, a capacidade de se fazer valer de estruturas de ação e de pensamento preexistentes com o intuito de serem ulteriormente adaptadas aos seus padrões identitários. Um ponto que Markus Friedrich não cessa de reforçar à medida que avança na obra.

O terceiro capítulo é, por seu turno, dedicado à vida temporal da *Societas Iesu*. Sinteticamente, muitas vezes a prejuízo de necessários aprofundamentos temáticos, o investigador aflora como, partindo de metas espirituais definidas, os seus membros demonstraram flexibilidade no momento de agir, acomodando-se a circunstâncias locais e, em alguns casos, contrariando o superiorato. Assim foi nos âmbitos da gestão da vida financeira e da obtenção de influências junto dos poderes governativos, tanto na Europa como no exterior.

Adicionalmente, Friedrich incide sobre o papel da Companhia de Jesus no domínio da educação, substanciado na criação de um modelo pedagógico, a *Ratio Studiorum*, a ser aplicado nas suas instituições escolares, com repercussões no processo formativo de indivíduos provenientes de múltiplos estratos sociais durante centúrias. Permanecendo um pouco mais na esfera académica, o historiador aquilata o lugar da investigação no viver jesuítico, mormente a sua complexa articulação com a atividade pastoral, a qual não poderia ser secundarizada pelos congregantes. Uma consequência desses inquisitivos alores foi o estabelecimento de redes de contacto, nas quais não se movimentavam somente livros, objetos ou pessoas, mas verdadeiramente difundia-se conhecimento. Este, naturalmente, esteve sujeito às mutações do tempo e o confronto (nem sempre hostil) com as teses iluministas é pertinentemente trazido para discussão para o evidenciar.

Friedrich decide terminar este momento da obra avaliando as incursões da Companhia pelo domínio artístico, em especial pela literatura, música, arquitetura e pintura. Se as produções jesuíticas deveriam espelhar os ideais da instituição, elas não ficaram imunes a influências externas, seja por motivos culturais (como o contacto com sociedades não europeias), seja por motivos práticos (incluindo a imprescindível conformação aos gostos ostentatórios de alguns dos seus mecenas).

O penúltimo capítulo de *The Jesuits: a history* é dedicado à ação dos jesuítas nas suas áreas de influência extraeuropeias. Enquadrado pelo modelo administrativo geral das províncias e vertebrado por impulsos expansionistas, o êxodo inaciano pelo planeta é, ainda hoje, fonte não esgotada para exames de teor

religioso, cultural, político, económico e social sobre uma área geográfica que se estende desde o Canadá até ao Japão. Com efeito, todos os níveis da experiência humana parecem corporizar-se nos variegados diálogos estabelecidos entre os religiosos, as sociedades coloniais e as populações nativas, o mesmo sucedendo noutras expressões do proselitismo católico mundial (designadamente, na sua faceta franciscana ou dominicana).

Neste entrelaçar com o estudo dos fenómenos inerentes às expansões ultramarinas europeias do período moderno, Friedrich não se exime de explorar os pontos de contacto entre a Companhia de Jesus e a atividade escravocrata, sobretudo a desenvolvida entre os espaços africano e americano – em detrimento, por exemplo, da sua vertente asiática. Por conseguinte, dá a conhecer o racional jesuíta que permitiu a oposição dos religiosos aos abusos do sistema, ainda que frequentemente por razões como a procura da reprodução dos indivíduos escravizados e a redução do perigo de fugas. Porventura mais significativa é a referência à posse de cativos por parte de jesuítas e aos maus-tratos infligidos por alguns deles sobre os primeiros. Estes assuntos, conquanto conhecidos pela historiografia, merecem ser sublinhados numa história que procura sintetizar, de forma objetiva, os quase cinco séculos de existência da Companhia de Jesus.

De resto, o levantamento de diferentes modelos de organização e desenvolvimento das missões feito pelo professor germânico coloca em destaque a morosidade do seu processo construtivo e como este esteve assente em acúmulos conciliadores da experiência missionária no interior da Europa e das adaptações que as realidades locais exigiam. Assim se explica a contemporaneidade de sistemas de evangelização distintos como as reduções paraguaias e o proselitismo na China, bem como o conjunto de críticas deixado por observadores coetâneos perante a elasticidade que a mensagem cristã parecia assumir na missionação jesuíta, culminando nas famigeradas querelas dos ritos.

Markus Friedrich termina o quarto capítulo com uma reflexão sobre as contribuições da Companhia de Jesus para a reificação do moderno fenómeno da globalização. Em virtude da sua ampla implantação, esta congregação religiosa conseguiu projetar um espaço propício para intercâmbios diversificados, não raras vezes ilícitos, como o atestam as movimentações de bens materiais que o investigador evoca para sustentar que os inacianos "estiveram profundamente implicados no roubo de propriedade cultural" (p. 569). Por outro lado, a possibilidade do contacto direto e pessoal com distantes realidades possibilitou o surgimento de vidas verdadeiramente globais entre as fileiras jesuíticas, não sem a sua dose de risco (pelas travessias marítimas) e consternação (pelos desafios de lidar, emocionalmente, com as longas distâncias).

Eis, pois, que se atraca no último capítulo. A excogitação do autor sofre aqui

uma compressão, talvez demasiado forçada, ao tentar englobar as conjunturas de hostilidade, supressão e ressurgimento da Companhia de Jesus, sobretudo entre os séculos XVIII e XIX. Mais concretamente, Friedrich traça a evolução do agudizar do antagonismo contra os jesuítas, esteado, por exemplo, em preocupações perante a influência que a Companhia conseguira granjear em vários setores da governação e da sociedade e no que Friedrich descreve como tendo sido uma certa passividade e inflexibilidade inaciana em afrontar estas tendências.

Derradeiramente, esses eventos levariam às expulsões da ordem religiosa nas metrópoles europeias e à sua extinção, por breve papal, em 1773, levando a que uma miríade de religiosos e, como bem aponta o narrador, a esfera católica se visse na obrigação de se reposicionar num mundo sem a Companhia de Jesus. Quase sem ela, na verdade. Isto porque a czarina Catarina II não promulgou o breve papal, permitindo que a instituição sobrevivesse através do seu ramo russo e, a partir daí, ganhasse forças para a reaparição em larga escala no ano de 1814.

O epílogo do livro serve de espaço para o registo das mutações sofridas pela Companhia de Jesus na sua jornada até ao século XXI. Questões como o crescimento da congregação nos E.U.A., a reformulação da sua expressão internacional num contexto já sem os sistemas de padroado e o seu posicionamento perante tendências históricas desafiantes, como as conceções "modernistas" da segunda metade do século XIX, a emergência dos autoritarismos do século XX e o apelo às reformas após o Concílio Vaticano II, compõem as últimas páginas deste volume. Por Friedrich, no decurso desta última reflexão, não deixar de individualizar a atuação de alguns jesuítas quando apropriado, compreende-se que a conclua com uma menção a Jorge Mario Bergoglio, ao complexo relacionamento com a estrutura da organização que integra e ao exemplo que a sua consagração como Papa Francisco deixou de uma Companhia de Jesus relevante se hoje engalanada pelas vestes da modernidade.

Porém, um trabalho como o que Markus Friedrich desenvolveu não surge sem as suas limitações. Em primeiro lugar, pela sua própria natureza sintética, pouco disponível para tratamentos abrangentes de toda a informação recolhida. Dois exemplos desta realidade bastarão. No prólogo da obra, depois de indicar a predisposição "esmagadoramente positiva" (p. 10) do Colégio Cardinalício para o estabelecimento da Companhia de Jesus, o autor retrata-o como resistente à sua efetivação pelo Papa Paulo III, sem, contudo, fornecer indícios para esta mudança de atitude aparentemente contraditória. Por sua vez, no quarto capítulo, ao ponderar as estratégias "acomodatícias" de alguns jesuítas pelo mundo, Friedrich assevera que as adaptações às condições locais no âmbito da evangelização eram atributo partilhado com outras ordens religiosas, embora nunca as nomeie, nem descreva a sua manifestação (p. 556).

Nestas duas situações, o leitor não é provido de referências bibliográficas para clarificação teórica, o que, diga-se, é incomum nos instantes em que Friedrich decide ser superficial nas suas considerações.

Em segundo lugar, por esta tipologia de pesquisa ser potencialmente geradora de abordagens desequilibradas. O facto de o investigador alemão ter dedicado apenas um capítulo ao processo de supressão e ressurgimento da Companhia e o epílogo à sua vida contemporânea destoa, claramente, dos cinco outros momentos da obra dedicados à criação e consolidação da mesma até ao século XVIII, evidenciando uma gestão desigual de tempos e espaços de análise.

Ainda assim, o esforço de revisão e de atualização da listagem bibliográfica nesta edição de 2022 é salutar. E mesmo que, para um leitor mais experimentado nos estudos inacianos e familiarizado com a história da Companhia, o trabalho de Friedrich não traga, na sua generalidade, informação completamente desconhecida, o professor alemão soube recuperar particularismos de vidas individuais e detalhes conjunturais para enriquecer o volume. Ademais, aqueles mais entranhados na experiência jesuítica na Península Ibérica e seus domínios transatlânticos adquirem relevante material de cotejamento histórico através do exame dos espaços germânicos e norte-europeus que Friedrich, por exemplo, elabora. Um labor comparativo que é avantajado pelo considerável acervo bibliográfico compulsado pelo autor para a realização desta investigação.

Concluindo, este livro consegue, facilmente, ser indispensável para diferentes leitores desejosos de entender a evolução desta ordem religiosa, que melhor se define como instituição global, de assinalável preeminência na realidade histórica moderna e com presença interventiva na contemporaneidade. Consegue, além disso, servir de importante complemento de outras sínteses da história da Companhia de Jesus, ora mais lacónicas, como *The Jesuits: A History from Ignatius to the Present*, de John W. O'Malley (2014), ora mais prolixas, nomeadamente *The Oxford Handbook of the Jesuits*, editada por Ines G. Županov (2019) e na qual Markus Friedrich participou.

Guilherme Miguel Mendes de Sousa
Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura, Faculdade de Letras
guisousa160@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-9408-1427